

Tornando-se mulher: *ethos* e identidade na reportagem O nascimento de Joicy¹

Amanda Tavares de Melo DINIZ²

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Este artigo aborda as estratégias discursivo-argumentativas mobilizadas pela reportagem O nascimento de Joicy para construir e legitimar sua narrativa. Escrito pela jornalista Fabiana Moraes, o texto alicerça o seu argumento em três pilares básicos: ampla contextualização, construção do *ethos* e mobilização de ferramentas narrativas diferenciadas. A análise visa compreender como estes e outros recursos narrativos a serem detalhados mais à frente trabalham as inter-relações entre corpo, identidade e discurso dentro da reportagem. Partimos do pressuposto de que o texto constrói o *ethos* de sua protagonista essencialmente nas articulações entre elementos femininos, masculinos e transgêneros formadores de sua identidade, desconstruindo estereótipos que atrelam um indivíduo a apenas um desses grupos em detrimento dos demais.

Palavras-chave: Jornalismo impresso; reportagem; discurso; *ethos*; identidade.

Introdução

“Não se nasce mulher: torna-se mulher”. A clássica frase escrita por Simone de Beauvoir em O Segundo Sexo (1949) preleciona: ser mulher extrapola as determinações do corpo biológico. Explica Judith Butler que “quando Beauvoir afirma que ‘mulher’ é uma ideia histórica e não um fato natural, ela claramente enfatiza a distinção entre sexo, como uma facticidade biológica, e gênero, como a interpretação cultural ou significação dessa facticidade” (1988, p. 522, tradução nossa)³. Mais à frente, Butler continua: “(...) (Beauvoir) ressalta que o corpo sofre certa construção cultural, não apenas através de convenções que sancionam e determinam como alguém age sobre o próprio corpo, mas também nas convenções tácitas que estruturam a maneira como *o corpo é culturalmente percebido*” (1988, p. 523, tradução e grifo nossos)⁴. A partir dessas ideias, algumas questões importantes vieram à tona: o que *de fato* significa ser mulher? Como a construção

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Amanda Tavares de Melo Diniz. Mestranda em Comunicação. E-mail: amandatdemelo@gmail.com.

³ “When Beauvoir claims that ‘woman’ is a historical idea and not a natural fact, she clearly underscores the distinction between sex, as biological facticity, and gender, as the cultural interpretation or signification of that facticity”.

⁴ “When Beauvoir claims that woman is an ‘historical situation’, she emphasizes that the body suffers a certain cultural construction, not only through conventions that sanction and proscribe how one acts one’s body, but also in the tacit conventions that structure the way the body is culturally perceived”.

cultural do feminino determina as atitudes sobre o próprio corpo e a forma como ele é culturalmente percebido pelos Outros?

Essas questões, em que pese pertinentes até hoje, não serão respondidas por este artigo. Todavia, a opção pela máxima de Beauvoir para compor o título e a reflexão inicial proposta por este trabalho não foi injustificada. Mais de sessenta anos após sua publicação, os ecos dos questionamentos beauvoirianos ainda repercutem em diversos trabalhos que buscam questionar e ressignificar o que é ser mulher e o que pode ou não ser entendido como “expressão característica do feminino”. Um deles é a reportagem O nascimento de Joicy⁵ – *corpus* deste estudo -, produzida pela jornalista Fabiana Moraes e publicada em 2011 no *Jornal do Commercio* (JC). O texto aborda o processo de redesignação sexual de João Batista para tornar-se a mulher Joicy Melo da Silva após a realização da cirurgia de mudança de sexo feita no Recife, em novembro de 2010. Além de contar a história da transexual antes, durante e após a realização do procedimento, a reportagem põe em xeque uma série de estereótipos associados às construções culturais e às representações do corpo feminino. Logo na primeira cena, a autora relata o preconceito que as próprias transexuais demonstram em relação a Joicy no Hospital das Clínicas, onde todas aguardavam atendimento médico:

Suas únicas aproximações com as outras – e aquilo o que entendemos como feminino - são as unhas pintadas de vermelho, os peitos que já se destacam sob a camiseta e a profissão de cabeleireira. Sem os marcadores que a fariam, externamente, ser "mulher", Joicy termina sofrendo um preconceito duplo, que vem tanto daqueles que não experimentam a sua condição quanto dos próprios transexuais. Estas olhavam com certa incredulidade para aquela mulher. Era como se, naquele banco, um intruso estivesse sentado entre elas (MORAES, 2015, p.34).

O fato de Joicy sofrer preconceito por possuir uma aparência mais masculina do que a das demais transexuais ao seu redor expõe o conflito entre imagem, corpo e identidade vivenciado pela transexual durante toda a sua vida. Pode-se relacionar este quadro à noção de *ethos* pré-discursivo, segundo a qual, parafraseando Maingueneau (2008), “um interlocutor elabora *representações prévias* do outro ao saber que ele possui certo posicionamento ou pertence a determinado grupo, criando uma ‘imagem esperada’ da pessoa que fala antes mesmo de qualquer manifestação verbal dela”. Neste caso, verificamos que existe uma quebra de expectativa entre a imagem que se espera de uma transexual – uma caracterização física que valoriza signos de feminilidade e apaga

⁵ Vencedora do Prêmio Esso de Reportagem 2011.

elementos que remetam ao masculino - e a imagem “real” de Joicy, na qual esses dois universos coexistem em um único corpo. Quando perguntada pela repórter como encara este tipo de discriminação, Joicy reitera sua condição de mulher, desconstruindo padrões arraigados a construções culturais da feminilidade: “Eu não tenho que usar saia e maquiagem para ser mulher. E eu não sou menos mulher por causa disso” (MORAES, 2015, p. 35). Mais do que tentar responder diretamente às questões pensadas por Beauvoir em 1949 e revisitadas posteriormente por autores como Michel Foucault⁶ e Judith Butler⁷, a reportagem se inscreve na esteira da ruptura das predeterminações do corpo biológico e do que é historicamente aceito como expressão clássica do feminino. A própria escolha do título e da imagem de capa da reportagem – uma releitura da pintura O nascimento da Vênus, de Botticelli – endossa essa problematização feita pela repórter acerca do que configura o imaginário atrelado a essa ideia.

É nessa tensão – e também nas intersecções - entre estereótipos e rupturas, masculino e feminino, imagem e identidade que Fabiana Moraes constrói seu discurso. A repórter lança mão de recursos narrativos que subvertem algumas práticas do jornalismo diário, como o emprego dos padrões canônicos da objetividade e o uso do *lead*⁸ e da pirâmide invertida, a qual se refere à “estrutura de montagem das informações em uma matéria, em que se inicia pelos elementos mais significativos e a carga informativa decresce para os traços menos significativos” (MEDINA, 1989, p. 84). Mobilizando ferramentas oriundas da sociologia, psicologia e literatura, como a observação participante, o aprofundamento psicológico-sentimental das personagens e a construção de um panorama analítico sobre a realidade retratada, Moraes aproxima-se do gênero jornalismo interpretativo.

“Aprendendo a ser mulher”: contextualizando a reportagem

Veiculada nos dias 10, 11 e 12 de abril de 2011 pelo *Jornal do Commercio*, a reportagem O nascimento de Joicy provocou impacto no cenário midiático pernambucano à época de sua publicação. Isso se deve, primeiramente, à temática abordada: a história da transexual Joicy Melo da Silva, natural do município de Alagoinha, agreste de Pernambuco,

⁶ Ver “A História da Sexualidade”, 1988.

⁷ Ver “Ato Performativo e Constituição do Gênero: um ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista”, 1988.

⁸ Primeiro parágrafo da notícia que deve responder a seis perguntas básicas sobre o fato narrado: Quem? O quê? Quando? Como? Onde? Por quê?

a qual, ao longo de sete anos, enfrentou dificuldades de ordens diversas para conseguir realizar a operação de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Dentre elas, pode-se destacar a indisponibilidade de recursos financeiros, o descaso de autoridades competentes nos órgãos de saúde pública que Joicy visitou, a desinformação acerca dos trâmites legais exigidos para a realização do procedimento e, sobretudo, a falta de apoio e suporte afetivo de seus familiares, amigos e vizinhos. Além da peculiaridade do tema em si, o enfoque dado pela repórter também se afasta da abordagem meramente factual do assunto, subvertendo dois valores-notícia que norteiam a produção jornalística: a atualidade e a universalidade. O primeiro refere-se “àquilo que aconteceu quase ‘agora’ e precisa ser divulgado rapidamente” (GROTH apud PEREIRA FILHO, 2004, p.40), sem a necessidade de ser problematizado sob uma perspectiva crítica; o segundo, à “tentativa de tratar de assuntos que possam interessar ao maior número possível de leitores” (2004, p.40). Ao relatar a trajetória pessoal de Joicy, a reportagem sai da esfera de atuação coletiva - embora tangencie pautas de grande relevância social como a inclusão das pessoas trans na sociedade - e concentra seu olhar sobre a história de vida da própria transexual e não sobre um grupo e/ou a comunidade como um todo. O resultado é a construção de uma narrativa historicizada, que vai além da reprodução efêmera dos fatos, levando em conta o panorama temporal, espacial, social e singular da realidade retratada e ampliando significativamente o potencial interpretativo e reflexivo do trabalho.

A história é contada em três blocos, subdivididos em matérias menores que abordam desdobramentos do tema central. Na parte 1, a repórter apresenta a personagem construindo discursivamente seu *caráter*, que “corresponde a um feixe de traços psicológicos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 65), e sua *corporalidade*, “associada à compleição física e a uma forma de se vestir” (2008, p. 65). Em seguida, reconstrói a conjuntura sócio-histórica em que a personagem vive e trabalha como cabeleireira. Escreve Moraes na abertura do primeiro bloco:

(Joicy) não usa maquiagem. Não gosta de usar vestido. Não tem cabelo comprido. Na verdade, está ficando meio careca, coisa de quem vai fazer 51 anos de idade. Sua aparência sugere que ela ainda está engatinhando para mostrar socialmente a mulher que é – e, principalmente, para deixar para trás o agricultor que sempre foi. O fato de não possuir as mesmas características femininas e hiperbólicas das suas colegas de fila a destaca imensamente naquele grupo. Usa apenas bermuda, camiseta e sapatilhas pretas. Senta-se com as pernas abertas. É musculosa e às vezes um tanto rude. Carrega as maneiras de quem passou boa parte da vida dentro da roça, no meio do mato, plantando mandioca e cuidando de cabra, galinha, boi (MORAES, 2015, p. 34).

A caracterização físico-psicológica de Joicy – fundamental para a construção de seu *ethos* - é determinante para todo o desenrolar da narrativa, visto que é por meio dessa complexa relação entre corpo, gênero e identidade que a personagem se subjetiva e se legitima perante a sua comunidade. Nas palavras de Maingueneau,

“um *posicionamento* não implica apenas a definição de uma situação de enunciação e certa relação com a linguagem: devemos igualmente levar em conta o *investimento imaginário do corpo, a adesão ‘física’ a certo universo de sentido. As ‘ideias’ são apresentadas através de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser, associada a representações e normas de disciplina do corpo*” (2008, p. 53. Grifos nossos).

Com efeito, as representações do corpo de Joicy – e, com elas, o que se entende como construções culturais de masculino e feminino – são tensionadas, postas à prova ao longo de toda a reportagem. O corpo de Joicy é sempre objeto de discurso, no qual podemos ver dois posicionamentos distintos: o dela – a reafirmação de sua condição de mulher - e o dos Outros que ressaltam a suposta incongruência entre o corpo masculino e o discurso feminino adotado por ela. Isso pode ser verificado ao analisar a conjuntura em que a transexual está inserida e, em especial, os seus relacionamentos com familiares, amigos e conterrâneos, quase sempre carregados de preconceito e distanciamento. Em uma passagem, lê-se a fala de um conhecido de Joicy: “Mas, João, como é que tu quer (sic) fazer isso, tirar um negócio que Deus te deu? Como é que tu faz isso, João? (sic)” (MORAES, 2015, p. 35), ressaltando a revolta pela retirada do pênis, principal símbolo da masculinidade biológica da transexual, e não reconhecendo a identidade feminina nem muito menos o nome social da cabeleireira. O rapaz continua: “ela agora vai deixar de ser traveco, vai ser bicha mais não” (sic) (2015, p. 36), em uma demonstração explícita de preconceito e escárnio em relação a Joicy.

Interessante destacar a opção da autora pelo emprego do discurso direto em várias passagens do texto como forma de reforçar a separação entre o discurso de Joicy e o discurso dos Outros, com o uso de “fronteiras linguísticas claras” (FIORIN, 2011, p. 31) como aspas ou travessões nas transcrições de diálogos completos entre dois ou mais interlocutores. Em sua maioria, as falas dos personagens são reproduzidas *ipsis litteris*, incluindo o uso de gírias (“eu ‘emburaquei’ (sic) na casa”, “‘apois’ (sic) eu lhe vou dizer (...)”), expressões pejorativas (“bicha”, “traveco”, “mocinha”) e construções fraseológicas

coloquiais (“e quem vai cuidar de tu (sic) depois da operação?”) “demarcando nitidamente as vozes de quem fala e criando um efeito de sentido de verdade” (FIORIN, 2011, p.29).

Em seguida, a reportagem dirige seu olhar aos momentos imediatamente anteriores e posteriores à realização da cirurgia. Aqui, a narrativa atinge o seu clímax, recriando com riqueza de detalhes o cenário, os diálogos e, sobretudo, as nuances vivenciadas dentro da esfera íntimo-sentimental de Joicy, sempre influenciadas pelas suas relações interpessoais. Merece destaque, nesse sentido, a relação entre Joicy e Dorneles – a quem a repórter chama de “amigo” da transexual -, o elemento de maior carga afetiva da reportagem. Neste ponto, o texto novamente se afasta da abordagem objetiva prescrita pela *práxis* jornalística e abre espaço para o aprofundamento emocional das personagens retratadas, expressão típica do jornalismo interpretativo, indo ao encontro do que propõe o professor Eugênio Bucci:

(...) o bom jornalismo nada tem a ver com a indiferença, com a neutralização do sujeito. Como atividade própria da cidadania, ele se alimenta também da indignação. As emoções devem integrar a reportagem assim como integram a alma humana. [...] Banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo. [...] Assim, a objetividade no jornalismo, que é intersubjetividade, não pede isenção total, pede equilíbrio (BUCCI, 2000).

Esse aprofundamento da esfera afetivo-sentimental da cabeleireira empreendido pela autora pode ser verificado em uma passagem bastante comovente do texto, quando Dorneles deixa o Hospital das Clínicas enquanto Joicy ainda se recuperava de sua cirurgia. Percebe-se que, nesta passagem, a repórter é também interlocutora, participando diretamente da cena descrita, mais uma característica do jornalismo interpretativo aplicada à reportagem. Relata Moraes:

Joicy não chorou quando ia entrar na sala de cirurgia, não chorou quando voltou, nem quando viu seu novo sexo pela primeira vez. Não chorou quando uma vez passou seis horas esperando um carro da prefeitura para levá-la de volta a Alagoinha, nem quando soube, já na cidade, que não teria como voltar para a casa depauperada em Perpétuo Socorro. Mas não aguentou ver Dorneles de boné, calça jeans e camiseta, pronto para ir embora. Fala alto, que é para o rapaz ouvir: ‘Ele não vai me deixar só não, ele é uma pessoa boa, não vai fazer isso’. Fecha os olhos. Dorneles aproveita o momento, olha para a repórter e diz baixinho (sic): ‘Tu não sabe é de nada’ (MORAES, 2015, p. 59).

Dando continuidade à narrativa, a reportagem trabalha o processo de recuperação de Joicy, os cuidados pós-operatórios, o jogo de sentimentos às vezes controversos vivenciados por ela e o árduo processo de retorno à sua cidade natal, após a realização da cirurgia. Contrariando suas expectativas, a mudança de sexo não eliminou o preconceito

nem assegurou o respeito à condição feminina da cabeleireira por parte da sua comunidade. A escassez de recursos financeiros e de suporte familiar dificultou o repouso e os cuidados necessários à cicatrização da cirurgia, acarretando o fechamento das paredes de seu recém-adquirido canal vaginal. Mais uma vez, a feminilidade de Joicy lhe é interdita, negada, posta à prova: será preciso uma nova intervenção para corrigir o problema, para a qual ela se preparava quando a reportagem se encerra.

Como se vê ao término da contextualização da reportagem, O nascimento de Joicy é uma narrativa contundente, sensível e humanizada sobre a história de vida de sua protagonista, extrapolando as fronteiras das páginas do jornal e transpondo essas e outras reflexões igualmente relevantes para a esfera do leitor.

“Agora é Joicy, mulher”: a noção de *ethos* e a articulação entre corpo e discurso

A relação entre o corpo e a identidade de Joicy é objeto de vários questionamentos que ultrapassam a esfera íntima da personagem e atingem contornos extradiscursivos, relacionando-se a alguns estereótipos culturalmente atrelados ao feminino e ao masculino. Sendo o corpo da transexual um espaço de coexistência e de fluidez – para alguns, por outro lado, um território de conflito - entre esses dois universos, como se processam essas inter-relações na reportagem? Como a reportagem desconstrói a ideia de separação entre corpo, identidade e discurso? Como o texto elabora o *ethos* de Joicy?

Partimos do pressuposto de que O nascimento de Joicy constrói o *ethos* de sua protagonista essencialmente nas articulações entre elementos femininos, masculinos e transgêneros formadores de sua identidade, desconstruindo categorizações que “encaixam” um indivíduo em apenas um dos grupos em detrimento dos demais. A noção de *ethos*, na perspectiva de Declercq (1992),

mobiliza tudo o que, na enunciação discursiva, contribui para emitir uma imagem do orador destinada ao auditório. Tom de voz, modulação da fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, olhar, postura, adornos etc. são tantos outros signos, elocutórios e oratórios, vestimentais e simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma *imagem psicológica e sociológica* (DECLERCQ apud MAINGUENEAU, 2008, p. 57. Grifo nosso).

Segundo esse conceito, o *ethos* opera na construção de uma imagem psicológica e sociológica por meio do discurso, mas sem ser ater apenas ao que é materializado neste. Isso porque o *ethos* “emana do mostrado” (MAINGUENEAU, 2008, p. 53) e “é um

comportamento que, enquanto tal, articula verbal e não verbal para provocar no destinatário efeitos que não decorrem apenas das palavras” (2008, p. 61. Grifo do autor). Continuando sua explanação, Maingueneau afirma que

o *ethos* é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada (2008, p. 63).

Alvo de preconceitos e questionamentos quase diários acerca de sua feminilidade, Joicy se vê compelida a reiterar, em todas as situações retratadas, sua condição feminina por meio de seu discurso e de seu comportamento. Isso pode ser reconhecido ao notar a reafirmação constante de seu nome social (Joicy) e a correção imediata de seu nome de registro (João) quando empregado pelos familiares e vizinhos da cabeleireira para se referir a ela. Em um excerto que narra o reencontro de Joicy com uma prima distante após a realização da cirurgia, lê-se:

- Soubesse que tinham te dado como morto, *João*?
- *Agora é Joicy*, mulher.
- Desculpa, eu esqueço. Soubesse?
- Soube, minhas irmãs também, e ficaram preocupadas. Dejanira chorou foi muito, minha mãe tá aperreada, horrível.
- É mesmo. Mas tá tudo bem, né *João* (sic)?
- *Mulher, é Joicy*.
- Desculpa, tu sabe que eu esqueço (sic), eu vou acostumar.
(MORAES, 2015, p. 68. Grifos nossos).

Ainda em relação à busca de Joicy por se subjetivar enquanto mulher perante sua comunidade, dois pontos merecem destaque: primeiro, a exigência da transexual em ser tratada pelo pronome pessoal do caso reto “ela” e caracterizada por adjetivos no feminino e não no masculino, como muitos de seus conhecidos faziam questão de “esquecer” ou ignorar, conforme se atesta no diálogo entre Joicy e sua sobrinha Luciana antes da realização da cirurgia: “Luciana: ‘Sabe o que eu acho? Que tu devia (sic) continuar assim, *tio João*. Mas você é muito ignorante, com as pessoas, com a sociedade, só quer estar *certo*. E você está *errado*’. Joicy: ‘errado não, *errada*’” (MORAES, 2015, p. 45. Grifos nossos). Em segundo lugar, vale ressaltar que a própria escolha profissional da cabeleireira pautou-se no desejo por um espaço onde “podia ser mais mulher” (2015, p. 39), repleto de elementos historicamente associados ao universo feminino. “Certificado no vidro, secador, cadeira de cabeleireiro. Os símbolos de um novo tempo onde certamente ouviria menos a

palavra ‘não’. ‘Adotei esta profissão porque era mais fácil para pessoas do meu tipo’” (2015, p.39).

Como se vê, o *ethos* da transexual não pode ser analisado sem observar as condições em que seu discurso é produzido⁹ e, em especial, a sua cenografia, isto é, “a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 70). Diz o autor:

a cenografia, com o *ethos* da qual ela participa, implica um processo de enlaçamento: desde sua emergência, a fala é carregada de certo *ethos*, que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. [...] (A cenografia) legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena da qual vem a palavra é precisamente a cena requerida para enunciar nessa circunstância. São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar o *ethos*, bem como sua cenografia, por meio dos quais esses conteúdos surgem (2008, p. 71).

Com efeito, *ethos* e cenografia são indissociáveis na análise da constituição da instância subjetiva da personagem, que, “por meio de sua fala, se dá uma identidade em acordo com o mundo que supostamente faz surgir” (MAINGUENEAU, 2008, p. 72). Essa identidade pode ser “associada a um ‘corpo enunciante’, historicamente especificado” (2008, p.64), detentor de uma voz e de dimensões físicas e psíquicas.

Nesse sentido, a caracterização que a reportagem faz de Joicy articula as dimensões físicas, psicológicas e sentimentais da cabeleireira para construir o seu *ethos*. Não há hierarquização entre as esferas nesse processo: todas elas são igualmente importantes para a compreensão sistêmica do *ethos* instituído pela reportagem. Isso implica dizer que a autora não estabelece uma separação entre o corpo com aparência masculina (determinação biológica) e a identidade feminina (construção histórico-cultural) materializada no discurso de Joicy. Pelo contrário: o texto valida sua argumentação em cima dessas “supostas” fronteiras, tensionando-as: “Outro ponto questionável (em relação à cirurgia de mudança de sexo) é a necessidade de uma adequação, por parte dos transexuais, ao corpo pretendido: quem nasce com pênis e se assume mulher precisa usar brincos, maquiagem e ter curvas para ser entendido como uma” (MORAES, 2015, p.47); resignificando seus limites: “Parecia homem. Mas se chamava Joicy” (2015, p.33); e construindo possibilidades

⁹ Parafrazeando Pêcheux (1969), as condições de produção dizem respeito às circunstâncias de um discurso, relacionadas ao seu processo de produção. Postula o autor: “esta perspectiva está representada na teoria linguística atual pelo papel dado ao contexto ou à situação, como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e sua compreensão” (p. 75).

híbridas de expressão do feminino, como ilustrado no fragmento a seguir, que mostra o diálogo entre Joicy e o seu primeiro visitante após a realização da cirurgia:

(...) ‘Olha, não dava para ser como tu era (sic) e continuar com o negócio não (sic)? Tu acha (sic) que precisava disso?’. Joicy, meio gogue por conta da anestesia geral, [...] acessa a delicadeza que tanto dizem lhe faltar: ‘*A gente tem que ser por fora o que é por dentro*, entendeu?’. Usando o nome de Deus, tão recorrente nesta reportagem, ela consegue sensibilizar o coração assustado de José Antônio. ‘Eu pedi permissão a Ele, sabia?’. O desempregado mania a cabeça. Não vai refutar o Deus que tanto teme e termina concordando: ‘É isso mesmo. É a mesma pessoa’. Joicy discorda: ‘não, eu agora sou uma pessoa melhor’(2015, p.57. Grifo nosso).

No trecho anterior, Joicy defende a constituição de uma condição feminina que compreenda as dimensões interna e externa da mulher que ela é. Essa fala inscreve-se na mesma direção de sentido do que afirma Maingueneau ao propor que o *ethos* opera com uma “maneira de dizer que é também uma maneira de ser” (2008, p.72). Dizer-se mulher, tornar-se mulher.

A reportagem como expressão do Jornalismo Interpretativo

Capaz de englobar diversos formatos jornalísticos em seu interior, como o perfil, a entrevista e a série fotográfica, a reportagem é um gênero jornalístico¹⁰ híbrido por excelência. Isso porque, além dessa capacidade de mobilizar linguagens jornalísticas diversas, ela também pode, como faz Fabiana Moraes na reportagem, empregar recursos de outras áreas de conhecimento como a literatura, a antropologia e a história para construir sua narrativa. De acordo com Medina,

a reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda a plenitude até mesmo da utopia, o socialismo, ou dentro da modernização capitalista. Pois é justamente a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia [...] (MEDINA apud PEREIRA FILHO, 2004, p. 56).

Este supracitado aprofundamento da informação social dialoga com a observação da realidade retratada dentro da conjuntura sócio-histórica em que ela está inserida,

¹⁰ Segundo José Marques de Melo, gêneros jornalísticos são “um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público [...] É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 64)

produzindo um relato que leva em conta o aspecto singular da história de vida dos personagens envolta em uma cenografia que valida os seus discursos e é por eles validada. Com efeito, como assinalaram Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro em trabalho revisitado por Pereira Filho,

enquanto a notícia fixa o *aqui*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o *já* no *antes* e no *depois*, deixa os limites do acontecer para um *estar acontecendo atemporal*, ou menos presente (2004, p.44. Grifos dos autores).

De fato, a reportagem interpretativa, como é o caso de O nascimento de Joicy, afasta-se do enfoque estritamente factual para elaborar uma narrativa atemporal, que tece uma série de inter-relações e desdobramentos entre construções historicamente consolidadas, representações físicas e comportamentais, informações científicas e outros temas relevantes para sua compreensão. Além disso, confere um teor questionador, reflexivo ao assunto abordado, “ampliando a agenda pública de discussão e das pautas” (PEREIRA FILHO, 2004, p. 104). Essa abordagem ampliada da realidade se coaduna com proposta de Edgar Morin (1999) de observar a temática abordada sob uma perspectiva holística, considerando seus subsistemas individualmente e as suas relações com o conjunto. Nesse sentido, o pesquisador sugere

caminhos para que se possa incitar a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e separar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-los puramente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade/multiplicidade de toda entidade em vez de a heterogeneizar em categorias separadas ou de a homogeneizar em indistinta totalidade. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda realidade estudada (MORIN apud PEREIRA FILHO, 2004, p. 90).

Corroborando essa ideia de que a reportagem constrói um relato multidimensional que articula em seu texto vários aspectos da informação jornalística, argumenta Pereira Filho que

é possível afirmar, portanto, que a reportagem pode ser entendida como o representante maior e espécie de filho do gênero jornalismo interpretativo por excelência, na medida em que busca uma narração contextualizada, trata de ambientes, fala com personagens, abusa de pesquisa de campo e de sustentação teórica, aplica a observação participante, permite os fluxos de consciência, admite o tempo circular e não linear, aprofunda as discussões e avaliza diversas perspectivas (2004, p. 46).

É precisamente nesse entrecruzamento de estratégias discursivas que se inscreve a reportagem de Moraes. O texto alicerça a sua argumentação em três pilares básicos, que são mutuamente constitutivos e, portanto, legitimados uns pelos outros: ampla contextualização, construção do *ethos* da protagonista e, subsidiariamente, dos demais personagens e uso de ferramentas narrativas literárias.

O primeiro deles relaciona-se à análise aprofundada do panorama histórico e social no qual Joicy vive, sem a qual não seria possível empreender uma análise sobre sua vida nem construir o seu *ethos*, pois é a cenografia que dá condições para que ele se constitua: “A – grafia é um processo de inscrição legitimante que traça um círculo: o discurso implica certa situação de enunciação, um *ethos* e um ‘código linguageiro’ [...] O ‘conteúdo’ aparece como inseparável da cenografia que lhe dá suporte” (MAINGUENEAU, 2008, p.69).

No que tange à elaboração do *ethos* pelo discurso da reportagem, nota-se que, como assevera Medina, na mesma linha de raciocínio que Maingueneau acerca do *ethos*,

ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente, se faz presente o imaginário, a subjetividade. [...] Há que se investir, portanto, na percepção do real-imaginário tal como ele se manifesta no *modo de ser e de dizer* de um entrevistado” (1990, p. 43).

Com efeito, o texto trabalha a caracterização físico-psicológica de Joicy e dos demais personagens articulando seus discursos, as representações de seus corpos e seus comportamentos, abordando aspectos objetivos e subjetivos destes.

Impende ressaltar o uso do foco narrativo de terceira pessoa, o que, por definição, geraria um efeito de sentido de objetividade¹¹, de maior distanciamento em relação à história contada. Entretanto, esse efeito é minimizado pela adoção de um tipo peculiar de narrativa em terceira pessoa denominada por Medina “onisciência interpretativa, que pressupõe participação e comentários tanto no nível externo quanto no nível interno das personagens” (1990, p. 71). Observa-se isso no excerto a seguir, no qual a repórter descreve as emoções de um dos personagens ao visitar Joicy no hospital: “Mesmo acreditando que um nascido homem não poderia, jamais, abrir mão do presente divino que é o pênis, José Antônio foi, *curioso, revoltado e fascinado* até o (quarto) 1113” (MORAES, 2015, p. 56. Grifo nosso).

¹¹ Cf. FIORIN, J. L. A categoria de pessoa. In: _____. Enunciação. São Paulo: TV Cultura. 2011. Disponível em: <<http://univesptv.cmais.com.br/enunciacao/a-categoria-de-pessoa>>. Acesso em 11 jul. 2016.

Por último, destaca-se o emprego de recursos narrativos que bebem na fonte dos textos literários, como a construção de um estilo¹² próprio, a utilização de metáforas - “Ali morreu João. Ali nasceu Joicy” (MORAES, 2015, p. 32) – e o amplo uso de diálogos entre os personagens. Sobre isso, aponta Medina:

Numa narrativa indireta (isto é, em 3ª pessoa), há recursos gráficos, visuais, que estruturam a desestruturação. A matéria-mosaico pode ser montada na página através de bloco, massas de texto, ilustrações e fotos que “costuram” o todo. [...] O uso de sinais gráficos como capitulares, itálicos, selos, mudanças de blocos de texto podem simbolizar essa fragmentação. Visualmente, o leitor se transporta em planos de tempo e espaço. A reconstituição histórica de um fato sugere essa dinâmica (1990, p. 67).

Considerações Finais

Questionar e ressignificar construções historicamente consolidadas requer a realização de uma série de rupturas. Para isso, é preciso mobilizar várias dimensões discursivamente construídas como as noções de *ethos*, de representações do corpo e alguns estereótipos associados às categorias que estão em xeque. A reportagem O nascimento de Joicy problematiza alguns padrões culturalmente vinculados ao universo feminino e ao masculino colocando-os à prova na figura da transexual Joicy, que reúne, em sua caracterização físico-psicológica, elementos pertencentes às duas instâncias. Neste estudo, constatou-se que o discurso de Moraes propõe um *lugar de coexistência* entre os traços femininos, transgêneros e masculinos que integram a identidade da personagem, compondo a esfera subjetiva da cabeleireira de uma maneira singular e desvinculada de construções identitárias pré-estabelecidas. Verificamos, seguindo o mesmo raciocínio, o delineamento de novas possibilidades de expressão do feminino que extrapolam o que é biologicamente determinado e culturalmente aceito como tal.

O que é preciso para, *de fato*, tornar-se mulher? Considerando que “ser mulher” é uma construção cultural, ter um corpo de mulher é suficiente para inscrever-se plenamente naquilo que é historicamente consolidado como feminino? A reportagem não oferece respostas objetivas a essas perguntas, mas traz pistas de que este é um processo contínuo de autoaceitação e legitimação perante o mundo: “Joicy telefona de vez em quando [...] Quer

¹² Para Bakhtin, “estilo é um conjunto de procedimentos de acabamento de um enunciado. São os recursos empregados para elaborá-lo, que resultam de uma seleção de recursos linguísticos à disposição do enunciador [...] O estilo é o conjunto de particularidades discursivas e textuais que cria uma imagem do autor” (apud. Fiorin, 2011, p. 36).

uma casa melhor. Quer seu novo nome em um documento plastificado. Quer uma pessoa. Está deixando de engatinhar. Começa a andar, em pé, como mulher” (2011¹³).

Por fim, verifica-se que as estratégias discursivo-argumentativas engendradas pela reportagem são determinantes para legitimar sua narrativa e sustentar as discussões por ela empreendidas. Além disso, nota-se que é justamente esta mobilização de ferramentas narrativas distintas das adotadas nas práticas jornalísticas diárias que inscreve o texto dentro do gênero jornalismo interpretativo.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 1. ed. Vol. Único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Atos Performativos e Constituição do Gênero: um ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista**. In: Theatre Journal, Vol. 40, No. 4. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1988. P. 519-531. Disponível em: <https://www.amherst.edu/system/files/media/1650/butler_performative_acts.pdf> Acesso em: 07 jul. 2016.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

_____. A categoria de pessoa. In: _____. **Enunciação**. São Paulo: TV Cultura, 2011. Disponível em: <<http://univesptv.cmais.com.br/enunciacao/a-categoria-de-pessoa>>. Acesso em 11 jul. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. In: _____. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M.C.P. (orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo, Ática, 1990.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

_____. O nascimento de Joicy. **Jornal do Commercio**, Recife, 10, 11, 12 abr 2011. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/JC/especial/joicy/>> Acessos em: 07, 08, 10, 11, 12 e 13 jul. 2016.

¹³ Este fragmento foi retirado da versão online da reportagem e pode encontrado em um box colocado no final da matéria “Corpo fechado”. Disponível no link: www2.uol.com.br/JC/especial/joicy/parte3_fechado.html

PÊCHEUX, Michel (1969). Análise automática do discurso (AAD-69). in: F. GADET e T. HAK (orgs.), **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP.

PEREIRA FILHO, **Francisco José Bicudo**. *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 15-105.